

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Então, na dúvida, lute, vá pra luta em qualquer momento; vale a pena se organizar e vale a pena lutar. Então, é essa nossa tarefa.”

JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ

Vale a pena lutar e se organizar

Tiago Mainieri¹
Dagmar Olmo Talga²

No Brasil, a luta pela terra é secular. Os movimentos ligados aos trabalhadores rurais possuem uma trajetória de batalhas, conquistas e derrotas, expondo as idiossincrasias da sociedade brasileira. O preconceito, a marginalização e o silenciamento são algumas das armas para desarticulação dos movimentos sociais. O discurso midiático, em torno da questão da democratização do acesso a terra, reforça os estereótipos. Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ganha relevo por sua organização e resistência. José Valdir Misnerovicz, que teve sua liberdade cerceada em virtude da atuação no MST, concedeu parte da entrevista durante o período em que esteve preso em Goiás em 2016. A entrevista destaca a crescente ofensiva contra os movimentos sociais por meio da criminalização de sua atuação e revela as entrelinhas da construção do discurso midiático. Misnerovicz é uma liderança do MST, graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

¹ Pós-doutor em comunicação pela UFRJ e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UFG) na linha de pesquisa em Mídia e Cidadania. Doutor em comunicação pela USP, dedica-se ao estudo da comunicação centrada no interesse público. E-mail: tiagomainieri@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UFG). Formada em jornalismo, atua em produção audiovisual e integra a Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil e colabora na Comissão Pastoral da Terra. E-mail: ddtalga@hotmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Existem movimentos e movimentos sociais, nós estamos falando de uma categoria de movimentos sociais populares, antissistêmicos, ou seja, daqueles que se propõem a uma superação do sistema, contrariando a lógica do sistema. Atualmente, está em curso um processo de perseguição, de criminalização das organizações, forças políticas, agrupamentos e mesmo de indivíduos que se propõem colocar sua vida em prol de uma causa que contraria a lógica do sistema. Mais cedo ou mais tarde haverá alguma forma, alguma ação e tentativa de impedir o cumprimento dessa tarefa.

Os movimentos sociais de caráter popular, ou seja, os que têm compromissos com a superação sistêmica cumprem um papel fundamental, estratégico na luta de classes. Principalmente nesta conjuntura que estamos passando, em que há uma crise estrutural sistêmica profunda, em que há um acirramento na luta de classe em nossa sociedade. De um lado, as forças do capital hegemônico internacionalizado que buscam sair da crise aprofundando medidas neoliberais, como a retirada de direitos historicamente conquistados pela classe trabalhadora e apropriação dos bens naturais transformando-os em mercadorias.

Há um processo de espoliação da classe trabalhadora e da natureza. Este processo tem como consequência um aprofundamento da desigualdade social, pois de um lado a concentração da riqueza e renda cada vez sobre o controle de um grupo pequeno da sociedade e de outro um universo de milhões de pessoas que apenas sobrevivem às margens da sociedade. Estão sendo recorrentes notícias que fazem estas denúncias sobre a concentração de renda e riquezas a exemplo do que foi publicado pela revista Forbes em 23/05 /2014 (Patrimônio das 15 famílias mais ricas do País é quase o dobro do investido em 11 anos de Bolsa Família). Não por acaso no topo da lista está a família Marinho, proprietários de meios de comunicação. Em outra reportagem sobre a riqueza no planeta fica explicitada esta contradição:

O número de milionários no mundo, hoje, é o maior do que em qualquer outro momento da história do Homem. Mas, enquanto o número total de domicílios milionários atinge os 16,3 milhões em 2013, de acordo com a consultoria de gestão Boston Consulting Group, a *miséria* assume sua face mais desesperadora na maior parte dos países de continentes como a África, a Ásia e a América Latina. (Jornal Correio do Brasil, 10/06/2014)

Esta contradição não será resolvida na lógica sistêmica hegemônica em curso, portanto sua superação perpassa pela lógica antissistêmica, por um projeto de sociedade com outras bases e referências de valores, necessariamente pela redistribuição da riqueza e renda historicamente e socialmente produzida. Isso significa construção de uma estratégia, de projeto, de instrumentos e formas de organização e lutas sobre hegemonia da classe trabalhadora do campo e da cidade.

As iniciativas e resposta a ofensiva do capital têm sido dadas principalmente pelos movimentos sociais populares que, ao longo das últimas duas décadas, estão construindo coletivamente um Projeto Popular para o Brasil. Uma elaboração coletiva e combinada com um plano de formação política/ideológica de trabalho de base e de lutas concretas, articulando as demandas específicas de cada base social com a questão geral da classe trabalhadora. A luta econômica, juntamente com a luta política, forma numa unidade dialética inseparável.

Sendo assim, os movimentos sociais populares têm assumido um papel como sujeitos coletivos e protagonistas da organização do conflito que é fundamental para o acirramento da luta de classes e disputa de projetos de sociedade. São os movimentos sociais populares que têm protagonizado as principais mobilizações e lutas de contestação ao modelo hegemônico, ao mesmo tempo são os movimentos sociais populares que têm desenvolvido iniciativas concretas para resolver as demandas específicas de cada base social, como exemplos: a luta pelo acesso à moradia e à terra, ao trabalho, à cooperação solidária, assim como à educação, à saúde, etc. Isto é fundamental, pois esta combinação de contestação ao modelo hegemônico e a afirmação de alternativa é fundamental para a consolidação da unidade dialética fundamental da negação e afirmação.

Os movimentos sociais populares antissistêmicos estão acumulando experiências nas duas trincheiras: a da contestação e a da afirmação do projeto alternativo. Este movimento combinado, da luta econômica e política, do específico ao geral, da elaboração teórica coletiva, do trabalho de base, da formação e lutas, compõe o conjunto de iniciativas e ações desenvolvidas pelos movimentos sociais populares. Desse modo, dão qualidade para a luta de classe, contribuem para formação de sujeitos críticos e ativos na leitura do mundo e na sua ação concreta para construção da emancipação humana.

Portanto, podemos afirmar que as mudanças sistêmicas nesta atual conjuntura têm como protagonistas os movimentos sociais populares, são estes que nos dão a esperança de construção da sociedade com justiça social, mesmo nesta adversidade que estamos vivendo. Sabemos que é uma longa caminhada que precisamos percorrer, mas temos a certeza de que muitos passos importantes já foram dados. É verdade que o momento ainda é de resistência ativa, de lutas com caráter de protesto/contestação, porém dando passos importantes na construção de uma articulação internacional para fazer frente a ofensiva do capital que atua internacionalmente. Não há dúvida que, num horizonte de médio prazo, os movimentos sociais populares se consolidarão como uma força política propositiva que permitirá dar passos largos na superação sistêmica. Ou seja, os movimentos sociais populares contemporâneos não estão inventando a roda, só estamos ajudando ela a girar e dando a velocidade que as circunstâncias do tempo histórico exigem.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

É fundamental compreendermos o papel histórico dos meios de comunicação hegemônicos de nossa sociedade. Assim como é fundamental caracterizá-los, sem esta compreensão não conseguimos fazer uma reflexão coerente e precisa dos mesmos. Sendo assim, é importante termos claro que os meios de comunicação estão sob o controle do poder hegemônico, concentrados e controlados por um pequeno grupo da elite econômica. Portanto, são um instrumento a serviço dos interesses desta mesma elite. As forças anti-hegemônicas não podem contar nem criar ilusões com os mesmos, mas pelo contrário precisam combatê-los sistematicamente.

Não há espaço para os Movimentos Sociais Populares apresentarem suas concepções de mundo e sociedade, nem tampouco para informar sobre sua agenda propositiva. Pelo contrário, tudo que é veiculado pela imprensa burguesa sobre os movimentos sociais populares é uma tentativa de desqualificá-los, de confundir a sociedade, de deslegitimá-los. Há um esforço permanente de naturalizar a desigualdade social, de criar uma cultura do medo, da desesperança e de criar no imaginário da sociedade uma ideia dos Movimentos Sociais Populares associando-os à ameaça, ao perigo, ao violento, à “contraordem”.

Não há diferença entre os vários meios e veículos de comunicação hegemônicos em relação à estratégia de combate aos Movimentos Sociais Populares, o combate é sistemático e permanente. Pois são os mesmos grupos que controlam praticamente todos, são eles que veiculam as mesmas notícias de seus interesses. A exemplo daquilo que passa nos telejornais da noite ou que no dia seguinte está nos jornais impressos e nas rádios, é a mesma notícia, a mesma interpretação dos fatos e, praticamente, os mesmos porta vozes. Os jornalistas são os mesmos que dão a notícia, comentam, julgam a partir de sua concepção e lógica, ou seja, da lógica da elite econômica. Se algum jornalista sair/fugir dessa orientação é imediatamente desligado, excluído. O jornalista não passa de um porta-voz do patrão, do dono do meio de comunicação, que por sua vez atua a partir de sua posição e condição de classe.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

A imprensa cumpre um papel determinante na construção da imagem dos Movimentos Sociais Populares anti-hegemônicos. Podemos destacar algumas que estão mais presentes, como por exemplo, de “atrasado”, “dinossauro”, ou seja, os Movimentos Sociais populares ao fazer a luta por mudanças estruturais são considerados atrasados, superados, contra o “desenvolvimento” e/ou “progresso”. A tentativa de atrelar essa imagem aos Movimentos Sociais fica bem explícita quando os movimentos do campo, por exemplo, fazem ações contra os transgênicos, agrotóxicos, da construção de grandes hidrelétricas, de ocupação de latifúndios e monoculturas, de obras de infraestrutura do capital.

Os meios de comunicação hegemônicos, a serviço do capital, criam uma falsa ideia, ou uma concepção de “moderno”, de “desenvolvimento”, de “progresso” e não dão espaço para o debate do contraditório. Isso cria na sociedade uma única “verdade”, uma versão que passa a ser defendida pelas pessoas mesmo que estas sejam as principais vítimas deste modelo.

Outro exemplo envolve a luta pela terra e os movimentos sociais, em especial o MST. Por ser considerado o mais articulado, nacionalmente e internacionalmente, e ousado nas suas ações, o MST é alvo permanente dos meios de comunicação que criam uma imagem que o MST só tem “vândalos”, “vagabundos” e são “perigosos”. Esse estereótipo vai contaminando o imaginário da sociedade principalmente aquelas camadas mais despossuídas de conhecimento, que se orientam pelo que sai na mídia.

Não sai nada de positivo na imprensa, como, por exemplo, a produção de alimentos saudáveis, a experiência das escolas do MST ou sobre a vida social das comunidades nos assentamentos. É comum ouvirmos das pessoas, quando elas têm a oportunidade de conhecer um assentamento, um acampamento, uma feira, ou ainda, participar de um evento, afirmarem não saber que era assim, que o MST é organizado, que tem propostas para resolver parte dos problemas da sociedade, que o agronegócio é tão prejudicial para sociedade, que é possível alimentar a humanidade com alimentos saudáveis. Infelizmente, a grande maioria da população pensa e age com a cabeça a partir do que sai na imprensa. A mídia, por sua vez, é ideologicamente e economicamente comprometida com o modelo hegemônico. Isso é funcional ao sistema, na verdade é o que sustenta o modo de produção capitalista.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Todas as vinculações são de caráter ideológico e político, uma vez que os meios de comunicação cumprem um papel de partido, de orientação de classe e estão a serviço da classe dominante. Ao analisar os últimos anos, em que houve um acirramento na luta de classes no Brasil e em quase todos os países, basta acompanhar seus editoriais, são eles que pautam os interesses que orientam o conjunto da burguesia.

No caso do Brasil, aonde houve uma polarização entre a direita e a esquerda, aonde as ruas foram e estão sendo disputadas; as convocações para os atos de direita foram realizadas pela imprensa. Com amplo destaque, os flagrantes eram tão explícitos, nem precisava fazer esforço para compreender que quando havia mobilizações, bastava ter meia dúzia de pessoas da direita (coxinhas) gritando que o destaque era garantido nos telejornais, enquanto as mobilizações do campo oposto podiam ter centenas e ou milhares que não eram divulgadas e ou quando eram totalmente distorcidas.

A cobertura da imprensa, assim como os editoriais, cumpre duas tarefas principais: uma de orientação de classe, que extrapola os partidos políticos (já que os mesmos têm pouco alcance, por estarem desmoralizados), ou seja, o papel de imprensa burguesa. Importante destacar que são todos os veículos de comunicação atuando de forma afinada e orientada, só mudam os porta vozes. Ao mesmo tempo, a outra tarefa dos meios de comunicação é atuar para atingir a grande massa, com o objetivo de confundir, ao mostrar apenas as consequências, sem discutir as causas dos problemas sociais e da corrupção que é o mote da vez. Os meios de comunicação fortalecem a ideologia da classe dominante, reforçando a busca de soluções individuais da tão falada meritocracia, disseminando a desesperança, superdimensionando a violência para criar uma situação de medo generalizado, tentando passar a ideia de que a saída é criar leis mais severas, estimulando o armamento da população, dentre outros.

As consequências para os Movimentos Sociais Populares são muitas. Podemos afirmar que são novos desafios e tarefas que os mesmos precisam incluir na estratégia de enfrentamento desta força tão poderosa. Uma das tarefas/desafio é o de desmistificar a ideologia da classe dominante, de desnaturalizar, trazer para o debate as questões centrais. Apontar as causas, os responsáveis, desnudar suas estratégias de dominação. Discutir soluções estruturais para os problemas, fortalecer os princípios da coletividade, da solidariedade de classes, despertar para necessidade de organização da classe e das lutas por direitos, fortalecer os protagonistas deste processo com autonomia, desafiar a criatividade nas formas de organização e lutas. Fortalecer a unidade na diversidade, alimentar a utopia. Além do que, é fundamental construir estratégias de comunicação alternativas para furar este bloqueio imposto pelos meios de comunicação burgueses. Essas são algumas das tarefas e desafios dos Movimentos Sociais Populares.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Se analisarmos as coberturas que foram feitas das mobilizações do último período, de 2012 em diante, percebemos que a imprensa hegemônica do Brasil tinha certa unidade, com suas especificidades é claro, umas mais outras menos explícitas. A cobertura internacional das agências internacionais de notícias, também controladas pela burguesia, seguia o mesmo padrão brasileiro. Já as que são autônomas ou com outra orientação ideológica, tinham outra postura. O exemplo mais clássico foi a cobertura dada pela Telesur que tem cumprido um papel importante na divulgação das notícias e ideias dos Movimentos Sociais Populares anti-hegemônicos; assim como, as redes sociais alternativas como Mídia Ninja e outras que são formadas pelas organizações populares e de classe. É importante ter clareza que os meios de comunicação estão a serviço de quem os controla.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Podemos afirmar que a importância dos meios de comunicação e da imprensa para os Movimentos Sociais Populares é de caráter estratégico. Impossível pensar em construir uma força anti-hegemônica em condição de desequilibrar a atual correlação de forças que é adversa sem que se pense e construa um plano estratégico da comunicação de massas. O que é certo é que não podemos contar com a imprensa burguesa, pelo contrário precisamos combater, entender que não atingiremos o conjunto da classe trabalhadora sem uma comunicação eficiente. O que é certo também é que não existe receita ou fórmula mágica, o que se precisa é ser criativo nas formas e meios horizontalizados para construir um conjunto de iniciativas de comunicação que possa atingir o maior número de trabalhadores, ganhar corações e mentes para nosso projeto.

É fundamental que se articule as denúncias do papel da imprensa burguesa e das suas formas de manipulação, ao mesmo tempo, em que se apresentam propostas de superação sistêmicas, ajudando o debate político do projeto e das pautas dos Movimentos Sociais Populares. Contribuindo na informação e formação crítica seja para a organização da classe e das lutas específicas quanto do conjunto da classe e da sociedade.

As redes sociais hoje, entre elas a internet, ao mesmo tempo servem para difundir e divulgar ideias e fazer o embate ideológico. Ela permite que se faça a disputa em tempo real porque cada um tem o celular, cada um pode estar gravando e transmitindo ao vivo tudo que está acontecendo e o efeito pode ser imediato. Então, cabe a nós, na forma mais criativa possível, utilizar esse instrumento para fortalecer nosso projeto. Em alguns países, quando os embates se acirram, a primeira coisa que os governos fazem é tirar a Internet, porque quando eles percebem que ela não funciona pra eles e que está funcionando contra eles tiram de circulação. E quando é funcional para eles então tá liberado, é como a “democracia representativa burguesa”, enquanto ela é funcional para eles, aceitam as regras, quando elas não funcionam mais, então rompem. Com a internet temos um potencial a ser trabalhado no sentido de ser um espaço para a gente divulgar ideias, de divulgar aquilo que está sendo construído e que não será nunca divulgado pela Globo ou outros grandes meios de comunicação, porque não interessa. Agora, por esses meios nós podemos alcançar uma parte significativa da sociedade, no sentido de potencializar, fortalecer as redes, as articulações, as (re) formações, as denúncias e as construções que estão em curso. Então, eu acho que a internet é hoje um dos meios mais importantes que precisam ser trabalhados.

Misnerovicz, fale da criminalização dos movimentos sociais e de seu período na prisão, os motivos e conjuntura por detrás de seu encarceramento. A repressão e a cooptação são as formas clássicas para impedir o avanço das forças que propõem mudanças estruturais na sociedade. Na sua visão, a prisão faz parte do processo de enfrentamento?

Nossa prisão é parte deste contexto, não é algo fora, ela não é por conta de um erro nosso, coletivo ou individual, e não é por vontade apenas de um juiz. Ela é parte deste contexto que estamos vivenciando no momento atual. Há uma tendência de acirramento da luta de classe. Os trabalhadores e os pobres não são incluídos na lógica sistêmica, mais cedo ou mais tarde vão reagir, vão responder e se defender. As organizações são feitas por lideranças, por pessoas. Então, eles mapearam algumas pessoas e tomaram a iniciativa de uma forma simbólica, de uma forma de dar um recado e dizer: *nós estamos atentos*. Por que pegaram a nós do MST? A luta pela terra, não só o MST, mas todas as organizações do campo, nos últimos dois anos, cresceram muito, então eles observaram isso e houve uma pressão sobre o estado.

Então, a prisão é um mundo à parte da sociedade. Separar, apartar o indivíduo da sociedade e castigá-lo. A concepção do presídio é esta. A grade, o muro, o arame, a cerca elétrica cumprindo essa função de punição e do castigo. Viver na prisão é viver num sistema que não tem nenhuma preocupação com o sujeito, tornando-o cada vez mais animal, mais bruto, porque vai se desumanizando pelas condições que ele é colocado. Viver nesse ambiente é o que há de mais difícil para um ser humano. Imagine uma pessoa presa por conta de ter uma vida dedicada a uma causa que é justamente da liberdade... Isso é uma situação muito complicada, é um choque, é um antagonismo.

Então, você vive, na prisão, o tempo todo essa tensão, essa crise, esse questionamento; você fica vulnerável, não tem informação, não tem comida, não tem nada se alguém não te levar. Do ponto de vista psicológico tu ficas totalmente abalado porque estás em um lugar que é muito tenso, tudo pode acontecer a qualquer momento. Eu, imediatamente, procurei reprogramar e construir uma rotina e preencher o tempo com a leitura, então a leitura para mim foi fundamental. Eu viajei o mundo através da leitura, nunca tinha lido tanto na vida como nesse período. Chegava a ler 10, 12, 15 horas por dia. A solidariedade que se manifestou de formas diferentes, em todos os lugares, foi fundamental, digamos assim, para a gente conseguir sobreviver nesse período.

Meu medo na prisão é de que as minhas convicções sejam abaladas, porque a militância é uma opção de vida e uma convicção de um projeto e quando se sofre na pele a prisão e sabe que é por isso, eu temia muito que a prisão me fizesse botar em questão a convicção. Aquela história: *Será que vale a pena eu continuar fazendo isso? Será que num tá na hora de cuidar da minha vida pessoal e já tá bom minha contribuição...* Eu tinha medo que isso pudesse acontecer. E posso garantir, com toda a tranquilidade, ao contrário, as minhas convicções saíram mais fortalecidas.

É preciso buscar força, acreditar nas pessoas, acreditar na coletividade e, acima de tudo, saber que a nossa causa é tão grande que ela não cabe numa prisão. Pode até prender o indivíduo, mas a causa não tem sistema prisional desse planeta que caiba. A gente tem que acreditar na importância da causa que estamos envolvidos e que a prisão de um ou de outro não vai nos impedir de seguir lutando por ela.

Considerações finais

Todos os sujeitos são importantes, devem ser alcançados com as propostas e ideias, mas, em especial a juventude precisa ser alcançada, pois historicamente foram os jovens que colocaram sua criatividade, energia, rebeldia e ousadia para fazer as grandes transformações que a humanidade já experimentou.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

